**A picada[[1]](#footnote-1)**

O sol aquecia a cabana, entrando pelas gretas em longos raios. Um deles caiu sobre a caixa onde Coyotito estava deitado e sobre as cordas que a sustentavam.

Foi um leve movimento que atraiu os olhos de ambos para a caixa. Kino e Juana ficaram como que paralisados. Pela corda que segurava o berço do menino ao teto, descia vagarosamente um escorpião. A cauda com o ferrão estava esticada atrás, mas o bicho era capaz de chicoteá-la num instante.

A respiração de Kino assobiava pelo nariz e ele abriu a boca para acabar com isso. Depois, desapareceu-lhe o olhar de espanto e a rigidez do corpo. Uma nova música chegava-lhe à cabeça, a Cantiga do Mal, a música do inimigo, de qualquer inimigo da família, melodia selvagem, secreta e perigosa no fundo da qual gemia queixosamente a Cantiga da Família.

O escorpião descia lentamente pela corda para o berço. Juana murmurou para dentro um antigo sortilégio para proteger de males daquela espécie e ainda rezou uma Ave-Maria entre dentes. Mas Kino estava em ação. Moveu o corpo em silêncio pela casa, suave e quietamente. Tinha as mãos estendidas para a frente com as palmas para baixo e os olhos fixos no escorpião. Por baixo dele, no berço, Coyotito ria e estendia a mão para o bicho. Este pressentiu o perigo quando Kino já estava para o alcançar. Parou e levantou a cauda em pequenos arranques e o ferrão brilhava na ponta da cauda.

Kino ficou absolutamente imóvel. Ouvia Juana murmurar de novo o velho sortilégio e ouvia a música odiosa do inimigo. Não podia mover-se enquanto o escorpião não se movesse e sentisse a fonte de morte que se aproximava dele. Kino estendeu a mão para a frente lentamente, cuidadosamente. A cauda do ferrão levantou-se. E, nesse momento, Coyotito riu, sacudindo a corda e o escorpião caiu.

A mão de Kino deu um salto para o agarrar, mas o bicho passou-lhe por entre os dedos, foi cair no ombro do menino, bateu e atacou. Com um rugido, Kino agarrou-o e reduziu-o a uma massa nas mãos. Jogou-o no chão de terra e ali bateu-o com os punhos, enquanto Coyotito gritava de dor no berço. Kino bateu e pisou o inimigo até que ele não fosse mais do que um fragmento e um ponto molhado na terra. Tinha os dentes arreganhados, os olhos cheios de fúria e nos ouvidos o clamor da Cantiga do Inimigo.

Mas Juana já estava com o menino nos braços. Encontrou o ponto atingido de onde a vermelhidão já começava a espalhar-se. Colou os lábios no lugar e sugou com toda a força. Cuspiu e tornou a sugar enquanto Coyotito gritava.

Kino ficou por ali parado. Nada podia fazer e atrapalhava.

Os gritos do menino fizeram aparecer os vizinhos. Derramaram-se das suas cabanas — o irmão de Kino, Juan Tomás, e a sua gorda mulher, Apolónia, com os quatro filhos, ficaram na porta obstruindo a entrada, enquanto os outros tentavam olhar e um garotinho passou por entre as pernas para espiar. E os que estavam na frente deram a notícia aos que estavam atrás...

— Escorpião. O menino foi picado.

Juana parou por um momento de chupar o ferimento. O pequeno orifício estava um pouco alargado e com as bordas brancas de ter sido sugado, mas a inflamação vermelha se estendia ainda mais num duro montículo linfático. Todos ali sabiam do escorpião. Um adulto podia passar mal por causa da ferroada, mas uma criança morria com facilidade com o veneno.

Trecho de “A pérola” de John Steinbeck

(Extraído duma tradução brasileira e adaptada ao português europeu com consultas constantes a uma edição original de “The Pearl” de John Steinbeck por Luís Filipe Redes com contributos da Vitória de Sousa)

1. Título dado ao excerto por Luís Filipe Redes. [↑](#footnote-ref-1)